

Segunda-feira, 20 de abril de 1992

O GLOBO

GRANDE RIO • 7

Índios irão a bicheiros para concluir a Kari-Oca

LAURA ANTUNES

Um programa de índio para branco ver. Por Cr\$ 5 mil, o carioca teve ontem — Dia do Índio — a chance de conhecer um pedaço do Xingu em pleno bairro de Jacarepaguá. Os 72 índios que estão no Rio desde fevereiro para construir a aldeia Kari-Oca deixaram o trabalho de lado para comemorar seu dia. Pintaram o corpo, vestiram suas indumentárias especiais e promoveram uma festa, aberta ao público. Além de arrecadar dinheiro, os índios aproveitaram a festa para anunciar que pedirão ajuda financeira aos bicheiros para concluir a construção da aldeia.



Segundo o representante dos povos da Bacia Amazônica, Alvaro Tucano, a construção da Kari-Oca está atrasada por falta de apoio do Grupo de Trabalho Nacional (GTN) para a Rio-92, que não enviou sequer um caminhão para transportar a madeira usada nos trabalhos. A oca, onde acontecerão as plenárias da Conferência Mundial dos Povos Indígenas, entre 25 e 30 de maio, ainda se encontra na etapa inicial de construção.

— Teremos 600 índios na conferência, que discutirá as reivindicações das diversas nações. Como não estamos tendo ajuda

oficial para terminar a aldeia, vamos apelar para os bicheiros. Se eles conseguem fazer o carnaval da cidade também poderão nos ajudar — diz.

Doze índios Tucanos (da bacia Amazônica) e 60 de aldeias do Xingu são os responsáveis pela construção da Kari-Oca. Como já estão prontas parte das cabanas e as duas ocas que servirão de dormitório para os índios brasileiros, 55 tucanos voltam hoje para suas tribos. A festa serviu também como despedida deles.

Apesar da preocupação do representante dos Tucanos, o presidente do Comitê Intertribal — 500 anos de resistência, Marcos Terena, acredita que a construção da aldeia terminará a tempo para a conferência.

— O custo ficará em torno de US\$ 350 mil. Já recebemos US\$ 80 mil do governo do Canadá e estamos agora negociando com o governo da Holanda, para conseguirmos o restante. Desse encontro internacional de nações indígenas sairá a Carta da Terra. Ela reunirá nossas reivindicações e será levada aos participantes da Rio-92 — afirma ele.

Preocupado com a chegada de índios de vários pontos do país, o coordenador do Núcleo de Saúde de Populações Indígenas da Fiocruz, Ulisses Confaloniere, montou um esquema de controle médico na Kari-Oca. Os dois índios tucanos que estavam com malária receberam tratamento e continuam na aldeia.



Os índios que constroem a Kari-Oca, em Jacarepaguá, abriram a aldeia ao público para comemorar, com dança e trajes de festa, o dia que os homenageia

Aldeia em festa parece um 'Baixo Xingu'

Quem esteve ontem na Kari-Oca assistiu a uma festa de deixar pajé de cabelo em pé: na aldeia, que mais parecia o "Baixo Xingu", índio dirige Escort, não ganha presente nem quer apito. Ele é quem vende bugangas aos brancos, a preços que variam entre Cr\$ 5 mil e Cr\$ 45 mil. Para relaxar, índio da Kari-Oca gosta de tomar Coca-Cola, ouvir Caetano Veloso e dançar capoeira.

A festa na Kari-Oca reuniu cerca de cem brancos, que também pareciam ter vindo das mais diversas tribos. Uma delas, a "tribo do papo-cabeça", provavelmente situada em Lumiar ou Mauá, se destacava das

demais. Era formada por um grupo de jovens, que se mostrava impressionado com a energia que "rolava" na aldeia.

— É uma força incrível que eles passam pra gente. Os índios conhecem todos os pontos energéticos do corpo humano, sabia? — perguntava, seriamente, uma jovem a uma amiga, enquanto assistiam à dança dos índios.

Durante a festa, índios do Xingu aproveitavam para culpar as autoridades por estarem dormindo no chão das barracas montadas pela Defesa Civil. Mas o assessor dos indígenas, o cineasta Johnny Torres, se apressou em explicar: os índios tinham vendido aos brancos todas as redes

que trouxeram do Xingu.

Num gesto de confraternização, os índios pintavam com urucum e desenhavam com carvão rostos, braços e pernas dos brancos, que queriam ficar a caráter para a festa. Alguns convidados mais entusiasmados conseguiram até cocar. Uma loura, da "tribo das peruas", usando apenas um micro-short e um sutiã minúsculo, desfilava pela aldeia com seu traje festivo.

A advogada Constância Portela, moradora da Taquara, levou à aldeia o filho e dois sobrinhos menores, que faziam parte da "tribo do medo". Os meninos, embora curiosos, não tiveram coragem de se aproximar dos ín-

dios, muito menos de participar do ritual da dança.

— Eu achei legal, mas preferi ver a festa de longe — diz um dos meninos.

O ponto alto da festa foi a dança. Com cocares e corpos pintados, os brancos puderam ensaiar alguns passos, ao lado dos índios. Ao final do ritual, alguns índios aceitaram o convite de um grupo baiano para aprender capoeira, ao som de músicas de Caetano Veloso. O jovem Canari, de 20 anos, da tribo do Xingu, gostou do novo ritmo, apesar de ter levado alguns escorregões enquanto dançava.

— É uma dança bonita, mas muito difícil — disse.

ECO-92

Ivo Gonzalez